

A TEORIA DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO

Adriano Alves Lopes¹
Bárbara Lacerda²
Helena Beraldo³
Gabriela Costa Moura⁴

Psicologia



ISSN IMPRESSO 1980-1785

ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

RESUMO

Os teóricos Francis Galton e Alfred Binet ao estudarem a inteligência humana passaram a compreendê-la como uma aptidão geral e inata. Nessa visão tradicionalista não são considerados devidamente os fatores ambientais no desenvolvimento intelectual, prejudicando a relação entre ensino e aprendizagem. Assim sendo, o objetivo deste trabalho é analisar a teoria das inteligências múltiplas e suas contribuições para a educação do século XXI. A metodologia utilizada no presente trabalho é a pesquisa bibliográfica através de artigos de revistas científicas, dissertações e livros. Essa teoria possibilita inovar as formas já existentes de abordar a inteligência e as práticas educacionais contemporâneas, visto que atualmente os métodos de ensino e avaliações aplicados aos alunos são universais, não considerando a individualidade dos mesmos. Neste sentido, faz-se necessário uma modificação no paradigma educacional da atualidade, com vistas à consideração daquilo que envolve a singularidade do aluno no aprendizado e permitindo que os discentes se preparem melhor para as mudanças econômicas e sociais que estão ocorrendo.

PALAVRAS-CHAVE

Inteligência. Educação. Inteligências múltiplas.

ABSTRACT

The theorists Francis Galton and Alfred Binet to study human intelligence began to understand it as a general and innate aptitude. In this traditional view are not considered properly the environmental factors in the intellectual development, damaging the relationship between teaching and learning. Therefore, the objective of this study is to analyze the theory of multiple intelligences and their contributions to the education of the 21st century. The methodology used in this study is the literature through journal articles, dissertations and books. This theory makes it possible to innovate existing approaches to intelligence and contemporary educational practices, as currently teaching methods and assessments applied to students are universal, not considering the individuality of them. In this sense, it is necessary a change in the current educational paradigm, with a view to the consideration of what involves the uniqueness of student learning, and allowing students to better prepare for the economic and social changes that are occurring.

KEYWORDS

Intelligence. Education. Multiple intelligences.

1 INTRODUÇÃO

Galton e Binet são referenciais teóricos que transmitiram ideias relativamente aceitas na sociedade de sua época, para eles a inteligência foi considerada um fator inato e geral. Segundo Macedo (2002) o inatismo foi uma ideia bem difundida e se caracteriza por meio da compreensão de que a inteligência é uma capacidade, dom ou vocação que os sujeitos possuem independentemente dos esforços ou dos ensinamentos que recebem na escola ou na vida.

Em reação ao pensamento Galtoniano e Binetiano, também devido à necessidade de novas formulações teóricas, Howard Gardner a partir de 1983 desenvolveu a teoria das inteligências múltiplas. Para Gardner (2001) todos os indivíduos possuem um conjunto de capacidades, talentos ou habilidades que é chamada de inteligência, porém, em diferentes graus. Sendo assim, Gardner (2015) classifica as inteligências em oito tipos: linguística, lógico-matemática, musical, espacial, corporal-cinestésica, interpessoal, intrapessoal e naturalista.

Este trabalho tem como objetivo analisar a teoria das inteligências múltiplas e suas contribuições para a educação contemporânea por meio de uma pesquisa bibliográfica. O enfoque teórico de Howard Gardner viabiliza uma possibilidade de reorganização no modo de realização das práticas pedagógicas, preparando os alunos para as possíveis mudanças que ocorrerão no sistema socioeconômico vigente.

Nesta pesquisa foram utilizadas as respectivas bases de dados para a fundamentação teórica do trabalho: Scielo e Google acadêmico. Os descritores foram: inteligências múltiplas, educação, inato, testes de inteligência e práticas educacionais. Foram investigados trinta artigos, cinco dissertações e oito livros, sendo utilizados para fundamentação teórica nove artigos, duas dissertações, oito livros, dois vídeos e um simpósio. As fontes utilizadas para a constituição deste trabalho legitimam e interagem com o tema proposto, portanto, foram escolhidos aqueles trabalhos que poderiam contribuir com a discussão sobre o tema central deste trabalho.

O presente artigo apresenta uma breve síntese filosófica e histórica sobre a inteligência inata e geral, considerando algumas de suas implicações para a educação. O trabalho segue com a apresentação da teoria das Inteligências Múltiplas de Howard Gardner, com vistas a abordar as principais contribuições desta para os parâmetros educacionais da contemporaneidade.

2 UM POUCO DE HISTÓRIA

Com o decorrer da história os aspectos da natureza humana foram colocados em questão: será que os homens adquirem habilidades durante sua existência? Existe possibilidade de progresso e mudanças significativas por meio da interação do homem com o ambiente? Ou então, será que a inteligência é inata e imutável? Se a resposta para essa última pergunta for sim, não há nada a fazer, pois neste caso a inteligência é apresentada como um fator independente (MACEDO, 2002).

Desde o período arcaico na Grécia já havia alguns estudiosos do potencial intelectual humano e a razão ou o logos (em grego λόγος, palavra) foi um tema estudado com muita frequência entre os filósofos pré-socráticos, o pensamento a observação e a argumentação lógica estavam se desenvolvendo e se estruturando, entretanto foi entre os pensadores socráticos que houve maior interesse pelas questões humanas, sendo uma delas a inteligência (OLIVEIRA; ANACHE, 2005).

Em razão de ser a alma imortal e ter renascido muitas vezes, já viu tudo o que há, tanto aqui [no mundo sensível] como no Hades [mundo inteligível], não havendo o que ela tivesse aprendido. Assim, não é nada de admirar que tanto sobre a virtude como sobre tudo o mais ela possa recorda-se do que conheceu antes (PLATÃO, 2007, p. 253).

Percebe-se que para este filósofo a alma possuidora de toda a ciência ao se unir com o corpo era capaz de lembrar-se do conhecimento obtido anteriormente, conhecimento este adquirido por meio do mundo das ideias, este pensamento é a base do que a filosofia reconhece como reminiscência platônica, portanto, torna-se óbvio que nessa concepção as ideias são imutáveis, eternas e inatas (PLATÃO, 2007).

No entanto, durante esse período filosófico ainda não havia ciência da forma que se conhece hoje, deste modo, enquanto a psicologia esteve atrelada a filosofia não foi possível compreender os processos cognitivos por meio do modelo científico, visto que enquanto a filosofia estudava a alma a psicologia precisou delimitar um objeto de estudo, delimitar seu campo de atuação e formular métodos de estudo desse objeto (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2001).

A psicologia enquanto ciência surgiu em Leipzig na Alemanha em 1879, o primeiro psicólogo se chamava Wilhelm Wundt e ele organizou o primeiro laboratório experimental dessa nova ciência, onde foi utilizado como método de estudo e pesquisa a introspecção:

Esse marco histórico significou o desligamento das ideias psicológicas de ideias abstratas e espiritualistas, que defendiam a existência de uma alma nos homens, a qual seria a sede da vida psíquica. A partir daí, a história da Psicologia é de fortalecimento de seu vínculo com os princípios e métodos científicos. A ideia de um homem autônomo, capaz de se responsabilizar pelo seu próprio desenvolvimento e pela sua vida, também vai se fortalecendo a partir desse momento. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2001, p. 32-33).

A partir desse período a psicologia foi estabelecendo os procedimentos necessários para que pudesse permanecer dessa forma independente dos outros campos de conhecimento, possuindo assim, uma identidade própria. Segundo Urbina (2004, p. 20) "os primeiros psicólogos experimentais estavam interessados em descobrir as leis gerais que governavam as relações entre os mundos físico e psicológico. Eles tinham pouco ou nenhum interesse nas diferenças individuais".

Além de situar o surgimento da psicologia como ciência, também se deve considerar que aproximadamente na mesma época o inglês Francis Galton (1822-1911) começou a se interessar pela mensuração das funções psicológicas, porém, numa perspectiva inteiramente diferente do que era realizado até aquele período (URBINA, 2004).

É importante ressaltar que Galton foi influenciado pela teoria da origem das espécies de Darwin (LIMA, 2005). Entre os conceitos apresentados nos escritos de Darwin, a seleção natural pode ser destacada como uma ideia bem aceita entre os cientistas, principalmente após a estruturação da teoria sintética realizada pelos Neodarwinistas. De maneira sintetizada pode-se dizer que a seleção natural é o pensamento de que os organismos mais adaptados a um determinado ambiente terá maior capacidade de sobreviver, portanto, quem seleciona as aptidões que são mais importantes em um contexto é o próprio ambiente, deste modo, a evolução de uma

espécie ocorre à medida que os organismos sobreviventes transmitem ao longo dos anos suas características genéticas para as próximas gerações (DARWIN, 2009).

Galton, influenciado por esse conhecimento e por meio de suas pesquisas acreditava que as habilidades humanas eram transmitidas de forma hereditária, deste modo, para ele era possível identificar quais as pessoas que possuíam a genética mais “apropriada” para o contexto social de sua época, sugerindo até mesmo o controle de natalidade. Para fazer essa medição, ele desenvolveu instrumentos avaliativos tendo como base a estatística. Conseqüentemente, no campo da testagem a psicologia concebia-se as diferenças individuais por meio do inatismo, logo, esse foi um paradigma difundido entre pesquisadores e também o senso comum ao longo dos anos foi se apropriando de pensamentos baseado nessa forma de ver o ser humano, não é difícil observar que a sociedade contemporânea ainda em seu cotidiano transmite conceitos desse tipo que podem ser estigmatizantes (LIMA, 2005).

No início do século XX na França o psicólogo Alfred Binet também apreendeu estudos sobre as diferenças individuais. Nesse país estavam ocorrendo algumas modificações no contexto educacional, pois as práticas pedagógicas da época eram voltadas para classes escolares mais heterogêneas, dificultando assim a aprendizagem dos alunos.

Quanto às demandas educacionais, coerente com a visão de uma ciência aplicada, Binet buscava legitimar o recurso à psicologia na resolução dos problemas decorrentes da universalização da educação elementar. A operacionalização de uma escola de massa fundou-se na constituição das escolas graduadas, distribuídas em séries correspondentes ao desenvolvimento etário dos alunos, em um movimento de homogeneização das turmas. Tal ordenação, no entanto, não garantia padrões uniformes de aprendizagem. (CAMPOS; GOUVEIA; GUIMARÃES, 2014, p. 221).

Os órgãos responsáveis pela educação na França também perceberam a necessidade de compreender os “diferentes ritmos e condições de aprendizagem, os quais deveriam ser passíveis de diagnóstico e intervenção” (CAMPOS; GOUVEIA; GUIMARÃES, 2014, p. 221). Nessa época surgiu a escala métrica de inteligência, que foi elaborada a partir da seleção de um grupo de questões, em uma escala de dificuldades crescentes, essa aplicação ocorreu em uma população infantil, onde os psicólogos estudavam a variação das respostas. Desse modo, foi possível determinar o nível de idade e inteligência dos alunos (CAMPOS; GOUVEIA; GUIMARÃES, 2014).

Historicamente o trabalho e os estudos de Binet foram solicitados para responder a uma demanda acadêmica e educacional no contexto do século XX, portanto, é correto afirmar que há uma interação entre testagem psicológica, concepção de

inteligência e a pedagogia. As teorias psicológicas podem e em muitos casos foram adaptadas para a pedagogia, e as concepções da psicologia sobre o que é inteligência influenciaram as práticas educacionais (CAMPOS; GOUVEIA; GUIMARÃES, 2014).

Binet contribuiu de forma significativa para o conhecimento psicológico, mas ainda havia limitações nos instrumentos que ele utilizava, por exemplo, o teste de Q.I verificava a inteligência percebendo-a como um fator único e geral, também, a avaliação que era realizada se voltava mais para o conhecimento da linguagem e matemática, desconsiderando assim outras faces do conhecimento humano, além desses aspectos, cabe ressaltar a possibilidade de estigmatização advinda da classificação que era realizada por meio dos resultados dos testes. Pode-se dizer que:

Durante muito tempo, permaneceu ideia de que a prática desse profissional, cujos instrumentos iniciais eram testes para medir a capacidade dos alunos, separando os aptos dos não aptos para a aprendizagem, caracterizando um pensamento excludente, moderno e linear, ou seja, de causa e efeito. Os testes parecem ter dado lugar à lei do diagnóstico ou laudo: um papel que não explica ao leigo os motivos que levam determinado aluno ao tão famoso "fracasso escolar". (ANDRADA, 2002, p. 197).

A medição da capacidade intelectual quando realizada numa perspectiva inata e geral não considera as diversas competências e possibilidades humanas, muito menos contempla o homem como um ser integrado, deste modo, bio-psico-social, ambiental e espiritual. Os resultados dessa visão no contexto escolar e acadêmico podem vir a ser arriscados, por exemplo, um aluno pode ter um desempenho abaixo da média em uma disciplina, mas, isso não significa necessariamente que irá ter uma atuação semelhante, abaixo, ou mesmo acima da média em outra matéria. Também, se o desempenho escolar é atribuído apenas à hereditariedade, qual seria então o papel das intervenções psicológicas e pedagógicas? Provavelmente terá um caráter mais de classificação e medição que propriamente o de possibilitar alguma mudança significativa no sujeito (ANDRADA, 2002).

3 AS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS

Howard Gardner nasceu em Scranton, Pensilvânia em 1943, se formou em psicologia e se tornou professor na Universidade de Harvard. Suas pesquisas sobre a inteligência humana possibilitaram o surgimento da teoria das Inteligências Múltiplas, assim como ele mesmo a denominou (GARDNER, 1995).

Primeiramente, deve-se indagar sobre qual é a definição de inteligência e como acontece seu desenvolvimento? Gardner (1995) em seu livro chamado "Inteligências Múltiplas: a teoria na prática" escreveu:

Todos esses papéis diferentes devem ser levados em conta se aceitamos a maneira pela qual eu defino a inteligência - isto é, como a capacidade de resolver problemas ou de elaborar produtos que sejam valorizados em um ou mais ambientes culturais ou comunitários. Até o momento, eu não estou dizendo nada sobre a existência de uma dimensão, ou mais de uma dimensão, da inteligência; nada sobre ser a inteligência inata ou adquirida (GARDNER, 1995, p. 14).

Inicialmente essa é a definição de inteligência para Gardner, porém, depois de alguns anos ele passa a conceituar inteligência da seguinte maneira: “um potencial biopsicológico para processar informações que pode ser ativado num cenário cultural para solucionar problemas ou criar produtos que sejam valorizados numa cultura” (GARDNER, 2001, p. 46).

Gardner (1995) se fundamenta na neurociência e em estudos da ciência cognitiva para apresentar algumas mudanças epistemológicas e axiológicas em relação à inteligência humana, passando de uma concepção singular para plural (GÁSPARI; SCHWARTS, 2002).

Segundo Malafaia e Rodrigues (2011) inicialmente Gardner descreveu a existência de sete inteligências distintas, que funcionam relativamente independentes, porém, elas raramente funcionam isoladamente.

Após alguns anos, a teoria das inteligências múltiplas foi revisada e ampliada, deste modo, foi apresentada uma oitava inteligência que é chamada de naturalista (ARMSTRONG, 2001). Posteriormente também foi citada a possibilidade de haver uma nona inteligência a qual é chamada de existencial:

Em seu último livro encontra-se o último e mais definitivo posicionamento de Gardner quanto a uma forma de inteligência, que ele chama de existencial. Ela pode ser assim resumida. Gardner se diz propenso a aceitar que se continue a discussão em torno de uma possível inteligência espiritual/existencial, mas não reconhece as razões até aqui aduzidas como suficientes para convencê-lo de sua existência. (SILVA, 2001, p. 62).

Gardner não reconheceu a existência da inteligência espiritual/existencial por não haver ainda razões suficientes para isso, por conseguinte, só serão apresentadas e discutidas neste trabalho as dimensões intelectuais já consideradas como existentes no ser humano. A primeira dimensão ou inteligência é averbal-linguística que é responsável pela capacidade que os indivíduos possuem de citar poesias, contar histórias,

gramática, metáforas, símiles, raciocínio abstrato, pensamento simbólico, modelagem conceitual e, também, por meio da palavra escrita. Ela é despertada pela habilidade oral, pela leitura das ideias de alguém (pensamentos ou poesia), e pela escrita das próprias ideias (pensamentos ou poesia). Há sensibilidade aos sons, ritmos e significados das palavras (CORTEZZI; AYUB, 2000).

A Inteligência lógico-matemática está associada ao “pensamento científico” que é ativada em situações que são necessárias a solução de novos problemas e padrões lógicos de raciocínio. Entre aqueles que possuem essa inteligência desenvolvida estão os cientistas e matemáticos, pois geralmente eles desenvolveram uma habilidade para enfrentar desafios novos (CORTEZZI, AYUB, 2000).

Inteligência musical é a inteligência dos artistas musicais em geral, sejam cantores, compositores, dentre outros, essas pessoas desenvolveram a habilidade de reconhecer padrões de tons rítmicos, os sons ambientais e também coordenam fenômenos acústicos para produzir efeitos estéticos (FONSECA, 2002).

Inteligência espacial é a habilidade do escultor, arquiteto, artistas plásticos, desenhistas, dentre outros. Essas pessoas possuem habilidades com artes visuais, criação de mapas, arquitetura e também conseguem visualizar os objetos a partir de diferentes perspectivas, portanto, são capazes de criar imagens mentais, possuindo assim um sentido de visão aguçado (PASSARELLI, 1995).

Inteligência corporal-cinestésica está relacionada com o movimento físico e a sabedoria do corpo, que é controlado por meio de um órgão chamado de córtex cerebral, essa inteligência geralmente é encontrada em atletas, atores, mímicos e dançarinos profissionais. Também se percebe que na vida cotidiana o corpo pode expressar essa inteligência por meio de atividades como: andar de bicicleta, skate, a digitação em aparelhos eletrônicos dentre outros (PASSARELLI, 1995).

Inteligência interpessoal está ligada à compreensão das outras pessoas, incluindo assim a capacidade empática e aptidão para identificar a singularidade e as diferenças entre os indivíduos, podendo assim saber qual a melhor forma de comunicar-se com cada pessoa e com cada grupo. Geralmente professores, clínicos, vendedores, líderes religiosos e aconselhadores desenvolveram a inteligência interpessoal (PASSARELLI, 1995).

Inteligência intrapessoal revela-se na capacidade autoreflexiva, se relaciona com conhecimento sobre si mesmo, de quem você é, quais são suas habilidades, potencialidades e limitações, sendo possível experimentar intuições sobre o futuro e daquilo que o sujeito deseja realizar, por exemplo, é possível encontrar essa inteligência entre os filósofos, psicólogos, psiquiatras (PASSARELLI, 1995).

Inteligência naturalista é compreendida como a capacidade de reconhecer e fazer a distinção entre animais, vegetais, minerais e, permitindo assim desenvolver uma preocupação com a natureza e com aquilo que é ecologicamente correto, é possível identificar a inteligência naturalista em ecologistas e biólogos (GÁSPARI; SCHWARTS, 2002).

Outro aspecto importante em relação às inteligências múltiplas é o total afastamento da medição tradicional realizada através de testes, pois Segundo Gardner (1995) existe outro meio de identificar o potencial e as fraquezas nos indivíduos:

Eu acredito que devemos nos afastar totalmente dos testes e das correlações entre os testes, e, ao invés disso, observar as fontes de informações mais naturalistas a respeito de como as pessoas, no mundo todo, desenvolvem capacidades importantes para seu modo de vida. (GARDNER, 1995, p. 13-14).

Essa forma de avaliação por meio de informações naturalistas contribui de maneira significativa para que os avaliadores identifiquem a variabilidade das inteligências em cada indivíduo, viabilizando assim estratégias educacionais mais coerentes para os discentes.

4 A TEORIA DE HOWARD GARDNER E AS SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO

É imprescindível considerar os aspectos sociais, políticos, culturais e econômicos de cada região quando o assunto é educação, apesar de não ser uma das propostas do presente artigo abordar esses pontos, ao menos é conveniente citá-los, visto que todos eles interagem com as práticas educacionais. Também, cada país, estado e cidade possuem suas peculiaridades, portanto, deve haver uma conciliação da teoria das inteligências múltiplas para cada um desses contextos. Gardner (2013) salientou que em diferentes partes dos EUA e agora em muitos lugares do mundo, as pessoas utilizaram sua ideia de inteligências múltiplas e aplicaram-na da forma que desejaram.

Pontua-se, também, que é necessário haver uma avaliação para identificar quais inteligências foram mais desenvolvidas e quais delas estão abaixo da média, mas, foi ressaltado que na teoria das inteligências múltiplas não há testagem padronizada com lápis e papel, como é possível fazer uma avaliação então? Segundo Garner (1995, p. 34):

Os meios de avaliação que sugerimos deveriam buscar fundamentalmente as capacidades de resolver problemas ou elaborar produtos nos indivíduos, através de uma variedade de materiais. A avaliação de uma determinada inteligência (ou de um conjunto de inteligências) deveria salientar problemas que podem ser resolvidos nos materiais daquela inteligência.

Obviamente após a realização de avaliações, sabendo quais as habilidades mais desenvolvidas e as menos desenvolvidas, será possível estimular adequadamente cada uma delas, isso ocorre na infância e também nas seguintes fases do desenvolvimento humano (GARDNER, 1995).

Gardner (2013) comentou que após todos esses estudos e aplicações que foram realizados ao redor do mundo existem duas implicações educacionais principais: A primeira é a individualização da educação e, a segunda implicação é a pluralização.

As variações interindividuais apresentadas por aprendizes sempre se constituíram em dificuldades para os professores, já que a implementação de procedimentos didáticos padronizados e únicos, ainda que a sua construção fosse bem fundamentada em resultados de investigações sobre a aprendizagem, resulta mais ou menos inevitavelmente em alguma dificuldade ou até fracasso por parte de uma parcela da classe, em algum momento da carreira escolar. (OMOTE, 2006, p. 256).

A padronização dos procedimentos didáticos exclui uma parte significativa de estudantes, deste modo, a inclusão dos discentes ocorrerá à medida que a singularidade de cada aluno for levada em consideração, fazendo as adaptações necessárias para cada pessoa, contexto e situação. Gardner (2011) afirma que é possível individualizar a educação e que para tornar realizável esse procedimento é necessário aprender o máximo sobre cada aluno, tentando ensinar os discentes de uma maneira que faça sentido para as suas formas particulares de pensar. Também destacou que atualmente isso se tornou possível por meio dos computadores, porque a tecnologia possibilitou ensinar o mesmo conteúdo de maneiras completamente diferentes e adaptáveis.

A segunda implicação educacional citada diz respeito à pluralização, que significa ensinar o que é importante de várias formas, porque nada importante pode ser ensinado de uma só maneira, seja na matemática, música, história, biologia, linguagens, dentre outros. Deste modo, há diversos modos de transmitir os mesmos conceitos e, quando isso ocorre há uma estimulação nas diferentes inteligências, possibilitando que cada pessoa aprenda por meio daquela que é mais desenvolvida e estimule a ampliação das outras capacidades (GARDNER, 2011).

Segundo Gardner (2013) se houver a individualização e universalização da educação haverá pelo menos duas consequências importantes: a primeira é que mais estudantes serão beneficiados, devido ao alcance que as informações terão, pois existem pessoas que aprendem melhor por meio de histórias, outras com filmes, algumas com música, debates ou interações. A segunda é que quando uma pessoa domina um assunto ela desenvolve a capacidade de transmiti-la de maneiras diferentes, portanto, a pluralidade de formas significa que as pessoas possuem uma compreensão completa sobre alguma coisa.

Também a educação precisa ter um papel mais funcional na formação acadêmica dos indivíduos, pois a sociedade está em constante transformação e daqui a alguns anos, provavelmente haverá algumas mudanças que exigirão dos cidadãos, novas habilidades, competências e um novo modo de pensar e agir frente ao sistema social e econômico vigente. Para Gardner (2013) haverá a necessidade de desenvolver pelo menos cinco tipos de mentes que corresponderão às alternâncias relativas à globalização, revolução digital e conhecimento biológico, são elas: a mente disciplinada, a mente sintetizadora, a mente criadora, a mente respeitosa e a mente ética.

A mente disciplinada possui algumas características: sendo uma delas, a de manter o ritmo de trabalho e procurar uma melhora significativa, procurando então se aperfeiçoar. Outra característica é relativa à capacidade de dominar as maneiras mais importantes de pensar que os humanos conseguiram desenvolver durante os últimos milhares de anos (GARDNER, 2007). Atualmente as pessoas são inundadas de informações, porque qualquer coisa que se procura na internet é de fácil acesso, mas uma pessoa que possui uma mente sintetizadora decidirá no que prestar atenção e o que precisa ignorar, fazendo então uma organização dos conteúdos de uma maneira que faça sentido para o indivíduo (GARDNER, 2007).

A mente criadora vai além da disciplina e da síntese, mas ainda sim, a disciplina e a síntese se fazem necessárias para poder inovar, porque ao desenvolver essas características mais cedo mais tempo o sujeito terá para criar. Esse tipo de mente inventa novos “quebra-cabeças” e propõe novas soluções. Em inglês existe uma frase usada nos EUA é *think outside the box* que significa “pensar fora da caixa”, na caixa estão a disciplina e a síntese e fora da caixa ou além dela, está a mente criadora (GARDNER, 2011).

A quarta mente é a respeitosa, é aquela que reconhece que as pessoas são muito diferentes, seja quanto às crenças, raça, etnia, gostos e etc. A mente respeitosa procura entender as outras pessoas e lidar com elas, na verdade existe uma tentativa de tirar algo positivo das diferenças entre os indivíduos (GARDNER, 2007).

A mente ética está relacionada com o pensamento daquilo que é certo em seu trabalho e qual a coisa certa a se fazer como cidadãos, portanto, é na relação entre o pensar corretamente e o agir adequadamente que há a constituição de uma mente ética, também é salientado pelo autor que uma pessoa ética além de pensar sobre seus direitos ela pensará sobre suas responsabilidades (GARDNER, 2007).

5 DISCUSSÕES E RESULTADOS

Quando a inteligência é compreendida como um fator inato e geral, as práticas educacionais podem vir a ter um cunho mais classificatório do que a de estimular as habilidades intelectivas dos indivíduos, em contrapartida, a compressão e prática da teoria de Gardner potencializa a capacidade humana.

Este estudo se faz importante para todos aqueles que estão de alguma forma envolvidos no processo educacional, sejam os pais dos alunos, os estudantes ou os docentes, pois percebeu-se que alguns países já colocaram em prática a teoria de Howard Gardner, o que trouxe uma mudança significativa nos resultados educacionais.

Com o passar do tempo observa-se que por causa das mudanças sociais que ocorrem é necessário que haja uma interação mais adequada entre os métodos utilizados na educação e o contexto pertinente as organizações de trabalho, pois é importante que os discentes desenvolvam as competências pertinentes a esse contexto.

A teoria de Gardner é ainda relativamente nova, portanto, na medida em que a respectiva ideia for se expandindo para mais países, como por exemplo, o Brasil, provavelmente haverá uma educação mais ativa no processo ensino aprendizagem.

6 CONCLUSÃO

Diante do que já foi exposto, pode-se concluir que não existe apenas uma inteligência geral, mas os indivíduos possuem oito inteligências distintas, que são relacionadas. As pessoas herdaram o potencial de desenvolver esse conjunto de capacidades intelectuais, mas é importante ressaltar que quando as práticas educacionais são realizadas, considerando todas essas dimensões do ser humano, mais alunos são atingidos e estimulados ao aprendizado.

A literatura aponta que a teoria das inteligências múltiplas de Gardner responde as necessidades da atualidade, viabilizando assim um olhar mais inclusivo e funcional no processo de ensino e aprendizagem. Portanto, é essencial que haja formas variadas de ensino que também considere a singularidade de cada aluno.

Os alunos precisam se preparar de forma devida para as mudanças sociais e econômicas que estão ocorrendo, isso será possível por meio do desenvolvimento das habilidades que corresponderão a nova realidade contemporânea que se segue daqui em diante.

REFERÊNCIAS

ANDRADA, E. G. C. Novos paradigmas na prática do psicólogo escolar. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.18, n.2, Florianópolis-SC, Mar., 2005. p.196-199. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n2/27470.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2015.

ARMSTRONG, T. **Inteligências múltiplas na sala de aula**. Tradução Maria Adriana Veríssimo Veronese. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001. p.192-198.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. 13.ed. São Paulo: Saraiva, 2001. p.32-43.

CAMPOS, R. H. F.; GOUVEA, M. C. S.; GUIMARÃES, P. C. D. A recepção da obra de Binet e dos testes psicométricos no Brasil: contrafaces de uma história. **Rev. Bras. Hist. Educ.**, v.14, n.2, Maringá-PR, maio/ago. 2014. p.215-242. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.4025/rbhe.v14i2.696>>. Acesso em: 12 maio 2015.

CORTEZZI, A. A.; AYUB, S. R. C. **O desenvolvimento das habilidades do corpo discente da graduação em administração, com enfoque nas inteligências múltiplas de Howard Gardner**. 2002. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas) – Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado, União das Faculdades dos Grandes Lagos, São José do Rio Preto-SP, 2002.

DARWIN, C. **A origem das espécies**. Tradução Ana Afonso. Porto: Planeta Vivo, 2009. p.87-119.

FONSECA, P. S. **Proposta de definição de inteligência de máquina inspirada na teoria das inteligências múltiplas de Howard Gardner**. 2002. Dissertação (Mestrado em ciências da computação) – Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, 2002.

FRONTEIRAS DO PENSAMENTO - HOWARD GARDNER [PARTE I]. Direção e produção: Telos Cultural. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul 2011. On-line. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FDCCgekPhss>>. Acesso em: 8 maio 2015.

GARDNER, H. **Inteligências múltiplas**: a teoria na prática. Tradução Maria Adriana Veríssimo Verenesse. Porto Alegre: Artmed, 1995. p.12-36.

GARDNER, H. **Inteligência**: um conceito reformulado. Tradução de Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p.62-75.

GARDNER, H. **Cinco mentes para o futuro**. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2007. p.13-17.

GÁSPARI, J. C.; SCHWARTS, G. M. Inteligências múltiplas e representações. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.18, n.3, São Paulo-SP, set-dez. 2002. p.261-266. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v18n3/a04v18n3.pdf>>. Acesso em: 11 maio 2015.

HOWARD GARDNER - PARA CADA PESSOA, UM TIPO DE EDUCAÇÃO. Direção e produção: Telos Cultural. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013. On-line. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tLHrC1ISPXE>>. Acesso em: 08 maio 2015.

LIMA, A. O. M. N. Breve histórico da psicologia escolar no Brasil. **Psicologia Argumento**, v.23, n.42, Curitiba-PR, jul-set., 2005. p.17-23, Disponível em: <www2.pucpr.br/reol/index.php/PA?dd1=173&dd99=view>. Acesso em: 16 maio 2015.

MACEDO, L. A questão da inteligência: todos podem aprender? In: OLIVEIRA, M.K., SOUZA D. T. R., REGO, T.C (Org.). **Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea**. São Paulo: Moderna, 2002. p.117-134.

MALAFAIA, G.; RODRIGUES, A. S. L.O uso da teoria das inteligências múltiplas no ensino de biologia para alunos do ensino médio. **SaBios: Rev. Saúde e Biol**, v.6, n.3, Urutaí-GO, set./dez., 2011. p.8-17. Disponível em: <http://www.revista.grupointegrado.br/sabios/>. Acesso em: 11 maio 2015.

OLIVEIRA, C.; ANACHE, A. A. A identificação e o encaminhamento dos alunos com altas habilidades / superdotação em Campo Grande – MS. In: **Revista Educação Especial**. Campo Grande-MS, [s/ v], n. 27, pp. 01-13, [s/ m], 2005. Disponível em: <http://repositorio.cbc.ufms.br:8080/jspui/handle/123456789/1571>. Acesso em: 10 maio 2015.

OMOTE, S. Inclusão e a questão das diferenças na educação. *Perspectiva*, v.24, n.3, Florianópolis-SC, 2006. p.251-272. ISSN 2175-795X. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10589/10117>. Acesso em: 13 Maio 2015.

PASSARELLI, B. Teoria das inteligências múltiplas aliada à multimídia na educação: novos rumos para o conhecimento. In: Simpósio Brasileiro de Geoprocessamento, 3.ed., São Paulo, 1995. **Anais do III Simpósio Brasileiro de Geoprocessamento**. São Paulo: Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, 1995. p.151-170.

PLATÃO. **Diálogos**: Critão – Menão – Hípias Maior e outros. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 2.ed.Belém: Universitária, 2007. p.250-260.

SILVA, L. M. K. Existe uma inteligência existencial/espiritual? O debate entre H. Gardner e R. A. Emmons. **Revista de Estudos da Religião**, [s.v], n.3, São Paulo-SP, [s. / m.], 2001. p.47-64. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv3_2001/p_silva.pdf>. Acesso em: 12 maio 2015.

URBINA, S. **Fundamentos da testagem psicológica**. Porto Alegre: Artmed, 2004. p.13-38.

Recebido em: 13 de setembro de 2015

Avaliado em: 29 de novembro de 2015

Aceito em: 7 de março de 2016

1. Acadêmico do Curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT. E-mail: adriano_lopesud@hotmail.com.br

2. Acadêmica do Curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT. E-mail: B.mendeslacerda@gmail.com

3. Acadêmica do Curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT. E-mail: helenaberaldo@hotmail.com

4. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT. Membro efetivo do Toro de Psicanálise. E-mail: gabrielamourapsi@gmail.com